



Quinzenário Mumorístico e Literário

Director: David Braga. Colaborador artístico: D. Dantas. Editor: Mendes Braga.

Redacção e Administração:

Rua Dr. José Sampaio, 6

Propriedade da Empresa de "O Taralhão",

Composição e impressão:

Tipografia Minerva Vimaranesse.

AS MULHERES

A vida da humanidade na terra — dizem — é o prelúdio duma outra mais ampla, eterna, incorpórea, infinitamente pura e bela, mística e florescente. Coroas de louros — acrescentam — não-de amenizar os que neste mundo sofrem. E chamas violentas — concluem — não-de torturar numa fúria eternal aqueles que na terra forem torpes ou deturparem os humildes que se emmaranharam resignados no misticismo bem-aventurado.

Ora, perdoe-se-me o humorismo, irei com duas pinceladas de estéril resultado mostrar o reverbero instâneo da mais perigosa das criaturas — a mulher.

As mulheres dividem-se em seis classes, a saber: nobres, burguesas, novas-ricas, *papas-secas*, tricanas e camponesas. As primeiras são vergôntes dum passado marcial, e corre-lhes nas veias sangue puro... que as leva ao tûmulo muitas vezes por ser fraco. As segundas têm dinheiro nos cofres paternos, dinheiro aferrolhado por economia. As terceiras luzem com dinheiro e costumes inteiramente novos. As quartas são aquelas que acarretam modas para disputarem a conquista aos *Romeus*. As quintas são filhas da ralé e só na ralé destacam. As sextas são as mais simples e convêm não as misturar com as outras para se não viciarem.

Ainda podíamos dividir resumidamente estas classes em duas, isto é, em boas e feias. Este é o motivo que caracteriza a homogeneidade lingual, ou seja, as armas mulheris, as mais terríveis do Universo.

As mulheres passam pelas metamorfoses de namoradas e sogras, que são respectivamente leviandade e rispidez. As namoradas da *élite* — aceite-se o galicismo — são jactanciosas, aspirantes sonambulescas do paraíso terrestre, pretenciosas, po-

rém com côres de artificio no rosto e uma voz e pronúncia mais das vezes afectadas. Dançam por música balanceando o corpo cadencialmente num frenesi tétrico e cantam com aquela voz sepáfica que tanto atrai, com aquela melodia que tanto prende os obsequiosos requestadores. Estes devem recomendar-se pela esbeltez, se fôr possível, pelo bom carácter, caso o tenham, e impreterivelmente pela fortuna, pois sem este elemento nunca os outros se relevam.

As mulheres casam, quando não ficam solteironas, e enviúvam e chegam a sogras. Esta é a última scena. Eis a verdade pura. Depois, em sinal de protesto contra os vitimados genros, conseguem relações amistosas com a morte e por zombaria se escapam com ela deixando a paz e o amor no lar conjugal. Alguns nigromantes asseveram que, desde que as Julietas, as Carlotas e as *Heloïsas* se exterminaram da vida material, as sogras enveredam para as cavernas flamantes do temido inferno. Eis o fim das mulheres.

Eis o segredo das sogras. Fazem pacto com o diabo e são endiabradas, são corujas fanhosas e misantrópicas, são gaivotas mal cheirosas e niquentas, são alambiques de gases misteriosos, são rolhas perdidas no oceano, são mulheres. Mulheres! O castigo dos homens, a sombra negral que envenena a sociedade, a agitação da humanidade, a chaga vital, a contradição do homem. Mulheres! Raposas de focinho côr de rosa, prédios caiados de fresco, pavos ataviadas sobre uma alma de paixões. São mulheres. Perdoe-se-lhes. São os entes mais perigosos porque provocam com os seus vapores o próprio demónio. Sofrem. Deixá-las que o Zé o que procura é pão. E tenho dito.

:: NA BERLINDA ::

— Viva o Mefistófeles!

— Olá, Coca-Bichinhos. Então que diz lá o «Comércio» a respeito do «Taralhão»? Vem mau, hein?!

— Vem temível. Diz êle que se defende para provar que não tem medo à *nossa critica*.

— Olha, meu amigo, êle o que veio provar é que a carapuça lhe serviu. E assim que a enterrê até às orelhas. Ora o lorpa!!!

— Fala baixo, que te podem ouvir.

— Deixa lá que eu ainda prego com êle no «Reino dos patos» se torna a sair à rua com fanfarrices.

— Bem, bem, ouve o resto: — diz também que já viu nascer e morrer muitos jornais humorísticos.

— Lá isso já é ter vista forte. Porém o nosso, enquanto fôr vivo, há-de mostrar ao «Comércio» que nem qualquer zarapêlho lhe chega sabão à sombra.

— Que descarregamos o nosso mau humor sobre a imprensa vimaranense...

— Formidabilíssima falta de leitura! Quem isso diz nunca soube ler. Pois aquilo foi algum ataque? Aquilo foi somente uma censura, porque, repetimos, com excepção dum colega, a quem não era dirigida a tal queixa, ninguém permutou conosco. Ou a culpa é dos distribuidores!... Mas o «Comércio» quis alardear intrepidez, quis *botar faladura* e — mau grado seu — ficar-lhe-há cara a bazófia. A castanha há-de estourar-lhe na bôca.— E depois de muitas coisas sem pés nem cabeça, diz que *não deve nem quer mexer mais no assunto*. E aí tens.— O «Comércio» anda com a febre. Quem o mandou vir a campo? Quem o mandou escrever aquele artigo, quasi tam ridiculo como a carta-aberta do Pilé?... Não mexe mais no assunto! E' grave. A nós também não convêm, porque o «Taralhão» não nasceu para ligar a qualquer *panfeto* que lhe dirige *gracinhas*. E mesmo porque, como o jornal já é velho, em se lhe mexendo muito podem às vezes os alicerces abanar e depois... havia de ser um fedor!... Quanto aos nossos jornais, enviem-no-los se quiserem, e do contrário que fiquem lá com êles. Somos os mesmos. Não se tira nem uma só linha do que no número antecedente se disse.

— E fica dito, meu amigo.

— E será cumprido, camarada.

— Brevemente se poderão dar pormenores.

MEFISTÓFLES.

NO REINO DOS PATOS



Pensativo e palpitante,
foi encontrado sozinho
a suspirar, delirante,
a fumar todo galante,
a espreitar um passarinho,
quando uma moça a sorrir
lhe disse assim de mansinho:
— Tu que fazes, Geraldinho,
nesta terra do porvir?
— Eu procuro, disse então,
sem deixar de se sentir,
de a comoção reprimir
num forçoso repelão,
um alívio à minha dor,
ao meu pobre coração,
que a gemer na solidão
há muito sofre de amor!
Ela sorriu sem deixar
de lhe oferecer uma flor
fórmula e branca de côr
e como êle a suspirar...
Muito contente a beijou
por o vir inebriar
obrigando-o a palpitar
como jamais palpitou...
E nisto a moça fugiu,
muito em segredo o deixou,
e por isso deplorou
mais um amor que o feriu.
Oh! vida da minha vida (!)
foi o que logo se ouviu
num clamor que não sentiu
aquela sombra perdida
nos arcanos do mistério,
na sua ignota guarida,
quem sabe se numa ermida,
ou num recanto sidéreo. (?)
Abalado pelo sonho,

:TARALHANDO:

PERDERAM-SE, no curto trajecto que vai da cidade ao alto da Penha, umas preciosas águas que fazem muita falta ao dono. Dão-se alviças à pessoa que as achar e entregar aos ex.^{mos} fontenários.

O amigo Novais crismou-se em *Tonecas e Serantoninho*.

No leilão de mobiliário, etc., do Colégio Académico, figurava uma linda colecção de viascos de formato minúsculo, e algumas camas, cujos colchões mostravam bem claramente que, quem nelles dormia, ignorava o préstimo dos ditos viascos.

Ao anoitecer da passada terça-feira um tratante qualquer entrou no teatro Gil Vicente, no momento em que ali estava em função um comício operário, e, depois de apagar a luz eléctrica, disparou alguns tiros para o palco. Em seguida deu às gáspeas com quanta fôrça tinha, que nem um burro a quem tivessem metido uma corisca acêsa em sitio que não dizemos agora; o que, no entanto, não o livrou de levar com um fueiro pelos lombos.

Isto é que êles são uns valentes! Assim, quem quer fazia a mesma coisa! E ainda por cima é capaz de se ir gabar que... fêz e aconteceu! O que vale é que nós vimos tudo, com êstes dois que a terra há-de comer...

Concurso.

Querendo o «Taralhão» realizar um concurso, engraçado e interessante, faz esta pergunta aos seus leitores: — **Qual é a menina mais bonita que até hoje tem saído em foco?** — Ao que responderão, fazendo-nos saber, por qualquer modo, qual é a preferida. Aquela que tiver mais votos, voltará ao foco cantada em verso. Assim, pois, em todos os trimestres haverá uma heroína.

daquele ser tam etéreo,
ficou-se assim muito sério,
assim se ficou tristonho...
Já nada tinha beleza,
já nada via risonho,
tornou-se tudo enfadonho
por aquela redondeza.
E num delirar medonho
pensou com delicadeza
no beijo da natureza.

MEFISTÓPELES.

IRREALIZÁVEIS

Um cavalheiro (?) cá da terra mandou *vir uma câmara de ar para abafar os desabafados*.

Chega brevemente aí um técnico de Perú com o fim de escolher o local onde deve ser erecto o monumento comemorativo dos mortos na grande guerra.

Deu-se uma scena de pugilato à porta da farmácia Alves (onde o *Manel* faz versos) entre dois rapazes muito conhecidos. O motivo foi a disputa da formosa *Franglinda*, princesa da Arábia... onde a *armada terrestre vóa pelo ar dos subterrâneos como a toupeira pelas barbas do meu patrão* — como disse assim, textualmente, o J. M. P.

O imortal vimarananase, Gil Vicente, vai naturalizar-se espanhol, devido às poucas parecências que tem com a sua estátua, ali na Misericórdia.

O informador do «Jornal de Notícias» da passada quinta-feira vai ser presenteado com uma caixa de figos, pelas formidáveis *verdades* que colou.

Devido ao preço dos géneros de primeira necessidade estar a descer a 250 quilómetros a hora, um mercieiro da nossa praça pôs há dias termo à existência, deitando-se a afogar num dos fundíssimos charcos dos passeios da Avenida. Quando o cadáver do morto veio à tona da água, já o infeliz defunto era morrido e bem morrido.

Desporto.

Foot-Ball.

No passado dia 19 jogou, em Santo Tirso, o Atlético Sport Club com a Liga Desportiva Tirsense, ficando esta vencedora por 2-0.

Em Famalicão jogou, no último domingo, o Vitória Sport Club com o Grupo Desportivo Famalicense, sendo o resultado um empate de 5-5.

A arbitragem na primeira parte foi feita por Adriano Mendes, e na segunda por um tal sr. MACEDO, do Famalicense. Este cavalheiro fêz uma arbitragem tal, que melhor faria se fôsse quebrar cascalho para concertar a estrada de Guimarães a Famalicão. O Sousa (off-side) talvez arbitrasse melhor.

DITOS E PENSAMENTOS

A electricidade eléctrica da luz de alumiar muita gentinha tem matado!

Rufino (cara torta).

A quinta do Constantino é uma boa peça.

Armando G.

Andei de carro com a Micas desde as 10,5 até à uma da tarde, mas não comi nada.

Arlindo (Z. M.).

O' Manuel: eu hoje quero arroz de olhinhos... polvoreiros.

Agostinho R.

Eu quero uma coxa de frango, mas tenra.

Arlindo (Z. M.).

Para mim, chá com torradas.

Cunha M.

Já disse que não tenho meia cómoda, mas sim cómoda inteira e bem boa.

Pereira C.

Próximo passado é uma coisa que há-de vir.

Figueiredo.

Hoje a lum-a cheia parece a careca dum padre.

Rossinac.

Não há exército como o da armada. Aquela armada de andar pelo chão.

O mesmo.

Sai por a minha vida fora.

Monteiro.

E' mentira! O fraque é meu; o côco é que foi emprestado. Mas fiz figura no entêrro.

Armando C.

Sempre me saíste um tólo! Então mandas-me um coelho! E se o meu pai preguntasse quem mandou o coelho, eu que lhe havia de responder?

Palmira.

Dizer-lhe-ias que fui eu quem o mandei, como caçador de fama!

Zeca P.

O' Rodrigo! Olha se lhe apanhas o fio para darmos um pente!

Moléstia.

EM FOCO

Usa botas de chibré,
luvas pretas de pelica,
faz viagem de "pó-pó",
e p'ra mais dinheiro fica.

Um... dois... três. Pronto, ladrão. Apanhei-te em flagrante! Bem não querias, mas se assim fosse nunca conseguiria uma coleção de bem-bons cá para o meu buraco. Eu que, em vez de, como o meu vizinho Jaques Belo, dizer coisas bonitas às guapas donzelas, digo coisitas garotas aos rapazes, não podia esquecer-te nem por um sacrifício. Bem sabes, amigo Oscar Baptista, que aqueles que são amarrados neste alcapão não devem bufar, porque sendo... treme até meio mundo. Quem ama ou tem amores deve dar-se bem com o «Taralhão». Caso contrário... divulgação.

Amigo, para que andas tam vagaroso desenvolvendo o «sirt» pelas ruas desta praça? Para que andas tam ataviado como a mais gentil efeminado? Tu o sabes e nós nada temos com isso. Porém, cá eu sou como a mulher do buraco: gosto muito de falar na vida dos outros. Tu bufas e... (mau grado teu) caíras como o mais repimpado Zézinho nas colunas cá do patrão.

Quando outrora passeavas pelas avenidas com umas ditosas carinhas ao teu lado a gargalhar de contentes, apresentavas-te todo piegas, todo triques. Eras o perfeito saltapocinhas. E como te mostravas vaidoso dos bocados que te acompanhavam. Enfim, é sorte. Tomaram muitos, que ainda não-de visitar o «Taralhão» e especialmente o foco, amanharr uma namorada, bem como estas se vêm atrapalhadas para enleiar qualquer cara de unto que aparece. Mas isso é lá com elas.

Eu é que, por mais voltas que dê aos miolos, não sou capaz de saber qual é, das raparigas requestas, a que mais te agrada. São todas, diz o Mefistófeles, que tem ideias de te levar ao «Reino dos Patos». Eu não concordo. Eu não posso admitir que um rapaz que se honra de usar sapatos aguçados, bons para apresentar uma biqueirada no Arlindo (Z. M.) por dar casa, seja tam baboso. Vá, diz. E' a...? ou a...? Tu és finório a ver se escapas. Digo? Não digo, não, por seres bom rapaz. Mas acautela-te, porque cá os repórteres não poupam ninguém.

Olha, vou dizer-te um segredo; mas agora vai dizê-lo aqui e ali (f) como faria o T., o felizardo que no próximo número vai caricaturado, e o Cunha gordo. Aquilo vai ser de rir. Quêres outra novidade? Ela aí vai: pediram-nos para te meter no concurso feminino das foeadas. Negamo-nos. Porém asseveraram-nos que serias escolhido e bendito entre as mulheres. Dá a tua decisão. Cá por mim, estou como uma bota sem ser capaz de atinar com aquele pedido extravagante. Eles que o disseram, lá têm as suas razões. E's um feliz. Até o Vasquinho há-de ter raica. Mas tu não ligas, e fica dito. Quem quiser ser qualquer coisa no meio da gente linda, que se faça. Ora, esta é boa!...

JAQUES BELO.

NÃO-TE-RALES.

Realçando airosa sobre os escombros da terra, toldando o próprio sol com o brilho fascinante do seu olhar que embriaga, a graciosa menina Carmen Garcia representa suavizada o meigo e dulcíssimo papel de formosa donzela no imenso e longo teatro da vida.

O seu busto franzino é a expressão viva e palpitante das antigas divindades gregas, é a imagem da diva do lirismo insuflando aroma nos corações romanescos.

Gentil como as dulcíssimas de cabelos flutuantes que em tempos idos souberam esparzir encantos sobre os egrégios poetas dos poemas sublimes de amor, essa beldade, que eu quiseira decantar num madrigal dolente, arrebatada silente, como os fachos luarentos pela hora morta da noite, as nossas almas de trovadores sentimentalistas, quando, em sonhos perfumados e engrinaldadas com lágrimas e amores perfeitos, ela nos surge risonha como o sol ao despontar da manhã.

Acariciada pelas melodias dulcíssimas do piano, esquece-se, com o peito a latejar de amor, em bailados efusivos, em pensamentos que ondeiam na ilusão, na crença ingénua da sua tenra idade; e por momentos, qual ninfa camoniana desabafando nervosamente os ais da sua alma, faz-nos ouvir gargalhadas a retinir sonoras como o cristal em lápidas mármoreas.

Como as borboletas que de flor em flor vão colhendo o pólen voejando incautas, também a donzela que hoje vai em foco voeja constante deitando paixões. E' formosa. Mas a formosura provoca a admiração apenas. E' que o seu todo, a sua compleição graciosa tem um tom tam atraente que sem dúvida impressiona os sonhadores que na natureza se emmaranham numa misantropia espectral filosofando desalentados sobre a psicologia mulheril.

Deificada pelos próprios anjos, que em toadas harmoniosas traduzem orações fluentes às virgens, orações que celebram, hinos que santificam e coroam a inocência, a jovem que hoje trazemos ao foco marca na academia de beleza vimaranense como uma das maiores celebridades femininas. E' uma estrela iluminando a juventude e soltando grinaldas odoríferas durante a eclíptica maravilhosa que percorre. E' o horizonte dos Romeus.

Se a sua preciosa primavera se desdobrasse nas eras supersticiosas do passado, quando as explicações científicas ainda não tinham cabimento na mente do homem, seria tomada como a encarnação suavíssima de qualquer deusa ignota. Hoje, que a vida se atea progressivamente, que a luz se clarifica em abóno da verdadeira razão da génese, tomámo-la como uma das maravilhas do Minho, sempre fértil nestas criações magníficas.

Tem um olhar expressivo, inteligente. E' a personificação exaeta da beleza. E, qual poetisa que desperta ao som alegre dos passarinhos, expande em vagas consoladoras o calor do seu coração, verdadeiro turbulo de amor.

Achando-se em cobrança os recibos do 1.º trimestre, pedimos aos nossos prezados assinantes o objéquo de satisfazerem as respectivas importâncias logo que os recibos lhe sejam apresentados. Aos assinantes de fora do concelho mais uma vez pedimos o grande favor de nos enviarem, por qualquer via, a importância do recibo do 1.º trimestre — 1\$80.

PÁGINA LITERÁRIA

No cair da fôlha...

Página de Memórias

...Lúcia!, minha pobre amiguinha, meu doce amor primeiro! Casta flor silvestre que o Senhor colheu no jardim de meus affectos logo na madrugada da vida, na idade quimérica dos sonhos e das ilusões! Ai! conta tam grande no rosário de minhas saudades, que eu jamais, jamais a acabarei de passar!...

O' branca ermíndinha da nossa aldeia, com teus altares rústicos cobertos de açucenas; com a tua torre maneirinha e a sineta antiga — bronze velhinho mas com voz de criança!

E vós, altas serranias sobrepostas, por onde a vista vai de longada, ao fim já cansadinha pelo tanto caminhar. E vós, montes glaucos, montes do meu encantamento, cheios de grilos tagarelas e da voz estrídula das cigarras cantadeiras; com notas idílicas de pastores e rebanhos alvos de ovelhinhas!

E vós, floridas messes côr de oiro, louras searas benditas, com alegres cânticos de ceifeiras e trilos esparsos de avezinhas!

E vós, tristes noras gementes, que em vosso seio guardais o abençoado sangue que há-de ajudar a fecundar as leiras. E vós, ingénuas fontes campestres, perpétuamente a desfiar melodias de frescura. E vós, águas errantes, águas vagamundas, eternamente a murmurar, por entre choupos e canaviais, a mesma toada dolorida que vai terminar no trágico marulho do mar profundo!

Como vós me falais d'Ela, como me falais ao coração, ó líricas paisagens da minha terra natal!... Que Ela tinha das searas as estrigas de oiro de seus cabelos; das açucenas a alvura do rosto e a alabastrina pureza de alma; das ovelhinhas a límpida humildade e o olhar manso e lindo; do sino da ermíndinha a voz argêntea e cariciosa; das noras a vaga tristeza elegiaca; e dos choupos tinha seu corpo a magreza, e o esguio dos dedos; e das águas a clara transparência das mãos: mãos diáfanas, pálidas mãos de santa, aquelas mãos de sublime vida piedosa, que tam amigas eram dos pobrezinhos!...

Minha Saudade infinita, rezo-a, evoco-a: porque recordá-la é tê-la sempre juntinho de alma, é vê-la sempre à minha beira: como quando recitávamos as lições escolares e repartíamos nossas merendas, pelas tardinhas de verão, sob a sombra e frescura das árvores amigas, que me viram nascer, crescer, e escutaram os meus primeiros segredos de amor; como quando corriamos pelos campos esmeraldinos, na peugada das borboletas, tam lindas, da côr do luar — como as nossas almas a despontar e a fria mortalha que pelos invernos descia a envolver os serros fronteiros; e depois, mais tarde, como quando rezávamos as nossas pueris confidências amorosas; como quando, de mãos dadas, os olhos namorando-se, tecíamos a renda subtil das ilusões da mocidade — pobre renda tam cedo desfeita, como o fumo daquela choupana aldeã, que ia subindo tam direitinho e num momento se esgarçou, e desapareceu, levado nos braços alados da viração...

Já vai há tanto tempo!... Oh! quantas vezes, quantas, a rosa do sol já desfolhou sobre a terra as suas pétalas de luz dou-rada, como nesse dia de Outono em que a viu partir, para não voltar mais. ; e as fôlhas daquelas árvores já reverdeceram, e tombaram estioladas: oh! quantas vezes, quantas!...

E ainda sinto nas mãos o calor das suas mãos; e ainda tenho nos olhos o brilho dos seus olhos — ó doce olhar, triste olhar que me tens acompanhado pela vida inteira! E parece-me ainda ouvir martelar aos meus ouvidos aquela tosse seca que me fazia arrazar os olhos de lágrimas: a sua tosse que me soava como as pancadas metódicas dum tear — tear invisível que lentamente lhe ia tecendo a mortalha...

Outono... Soluçam Trindades... Hora de silêncio, hora de recolhimento. Mãos cruzadas, lábios em oração... E as fôlhas cáem... pressinto-as cair, aqui a dois passos, sobre as terras de cultivo e o pó dos caminhos tam meus conhecidos; e na água do ribeirinho que ali passa, lesto e descuidado, a ralhar com os seixos e as pedrinhas soltas, noite e dia a lastimar-se das agruras do leito, que o não deixam andar tranqüilo, e caladinho como esta merencôrea paisagem outonal... As fôlhas cáem... ouço-as

De alma ajoelhada

À minha Saudade

Um de Novembro... Dia-dos-mortos — regista o calendário da cristandade. Dia-dos-vivos —, mais um triste dia-dos-vivos —, digo eu, — na evocação dolorida dos que passaram, — e passam, interminavelmente, — na Jornada-de-Redenção para o Além... E digo dia-dos-vivos, porque dia-dos-mortos sam-no todos os dias, — na cavalgada trágica do Tempo, na ceifa eternal da vida dos seres...

E, pois, que o dia de hoje é mais um dos tristes dias dos vivos, evoquemos os mortos! — que, evocá-los, é despertar em nossa alma a Dôr que espiritualiza a vida e lhe dá beleza!...

Evoquemos os mortos! —, mas não se perturbem na paz santa dos frios campos-santos!...

Evoquemos os mortos! —, mas não se profane o seu tranqüilo Império da Morte, com o ruído de miserias exteriorizações ltuosas — com que os vivos, nas suas visitas aos cemitérios, pretendem significar, dessa maneira e durante algumas horas neste dia, o seu sentir por os que ali jazem, de todos quasi esquecidos, abandonados, na terra negra e fria!...

Evoquemos os mortos! Evoquemo-los, sim! —, mas doloridamente, recolhidamente, na concentração profunda do nosso puro sentir!...

...Unção espiritual dos sepulcros — a Saudade paira sempre e eternamente sobre as almas, fazendo-as comungar na meditação... E, pois, que a morte é «a seqüência lógica da vida», meditemos todos na morte! —, na morte não revestida de pretenciosos simbolismos, de falsas corôas-de-saudade... A Saudade não é flôr terrena, não tem simbolismo, — é flôr de Altura, é flôr de alma: em nós desperta, em nós vive e de nós se eleva às regiões puras do Infinito!

Um de Novembro... Dia-dos-mortos — regista o calendário da cristandade. Dia-dos-vivos —, mais um triste dia-dos-vivos —, digo eu, — na evocação dolorida dos que passaram, — e passam, interminavelmente, — na Jornada-de-Redenção para o Além...

Outono — 1924.

ALBERTO DE MACEDO.

deslisar pelos vidros das janelas, entram-me pelo quarto, debruçam-se sobre a mesa, sobre os livros... As fôlhas vão caíndo, secas, mirradas como faces de avôzinha: tristes fôlhas que já um dia foram viçosas, e protegeram dos sóis e das chuvas, e agasalharam dos frios inclementes o brando calor de alguma asa, de alguma vida pequenina... As fôlhas vão caíndo, vão caíndo...

... Também, aquêle ano, quando as andorinhas emigraram, e as fôlhas amarelecidas começaram a atapetar o chão: também, como as fôlhas mortas, a sua alma, a alma da minha Lúcia, se desprende do seu corpo de dezasseis primaveras e emigrou no rancho das andorinhas mansas — para nunca mais, para nunca mais voltar — pobre avezinha que não chegou a construir ninho; conta tam grande no rosário de minhas saudades, que eu jamais, jamais a acabarei de passar!...

Novembro de 1923.

ARAÚJO DANTAS.